

## **GESTÃO AMBIENTAL NO TURISMO: UMA ANÁLISE DOS IMPACTOS AMBIENTAIS NOS ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS DE BAÍA FORMOSA, RN, BRASIL**

**Amanda Cipriano Mirely<sup>1</sup>  
Darlyne Fontes Virginio<sup>2</sup>**

### **RESUMO**

A gestão ambiental voltada para os atrativos turísticos naturais vem se tornando uma estratégia promissora para o mercado turístico, pois além de prezar pela conservação dos recursos naturais, proporciona competitividade e induz a retornos econômicos nos destinos turísticos. Nessa perspectiva, o objetivo deste estudo foi analisar os impactos ambientais nos atrativos turísticos naturais do município de Baía Formosa, RN, Brasil. No que se refere à metodologia, a presente pesquisa tem uma abordagem qualiquantitativa, de caráter descritivo-exploratório, tendo analisado os impactos ambientais existentes a partir da aplicação de questionário junto a residentes e turistas, bem como através de pesquisas de gabinete e *in loco* que serviram para complementar os dados. Na análise dos resultados, constatou-se que existem doze atrativos naturais de uso turístico na localidade, sendo a Mata Estrela o atrativo mais fiscalizado e, conseqüentemente, que apresentou melhor estado de conservação. Por sua vez, o que apresentou a incidência de impactos ambientais agravantes e o menos conservado foi a Praia do Porto. Observou-se ainda, em uma análise SWOT, que o município apresenta como oportunidade grande potencial para o crescimento do ecoturismo, porém, como maior debilidade viu-se a pouca frequência em trabalhos de educação ambiental. Concluindo-se que é importante trabalhar fortemente a gestão ambiental da localidade no que se refere a: sinalização ambiental, saneamento nas áreas dos atrativos, controle de visitantes, fiscalizações, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** GESTÃO AMBIENTAL. ATRATIVOS TURÍSTICOS NATURAIS. BAÍA FORMOSA/RN.

<sup>1</sup> Bacharel em Turismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2013). cursando Técnico em Eventos e atuando como pesquisadora do Núcleo de Pesquisa em Empreendedorismo no setor de Eventos e Turismo do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Canguaretama/RN, no Projeto Avaliação de Eventos Sustentáveis e no Plano Municipal de Turismo. E-mail: amandamirelybf19@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Turismo - PPGTUR/UFRN; Bacharel em Turismo pela UFRN. Professora de Eventos e Coordenadora de Pesquisa e Inovação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN (Campus Canguaretama). E-mail: darlyne.fontes@ifrn.edu.br

## INTRODUÇÃO

O turismo vem se destacando como uma das principais atividades econômicas do mundo, uma vez que as viagens internacionais têm crescido, chegando a movimentar uma renda de aproximadamente US\$5 trilhões em 2008 e uma receita cambial de US\$ 919 bilhões em 2010 (World Travel & Tourism Council – WTTC). Considerando-se que o mesmo é uma atividade econômica pautada no consumo do espaço e suas representações, portanto, seu aspecto ambiental é relevante, especialmente porque o turismo ligado à natureza tem crescido de forma demasiada. Desta forma, na medida em que a demanda por áreas naturais ou exóticas aumenta, vê-se uma maior necessidade de gerenciar esses ambientes para que não sejam portadores de impactos negativos, fato este que traz relevância à gestão ambiental vinculada ao turismo.

Na atividade turística a gestão ambiental apresenta-se de forma promissora, pois seus consumidores procuram cada vez mais ambientes diferenciados, como também empreendimentos que prezem pela conservação da natureza, sendo que seus agentes tendem a operar de forma criativa sobre esses novos consumidores que exigem qualidade nos produtos e excelência na conservação dos recursos naturais.

Acredita-se que a gestão ambiental no turismo pode minimizar os efeitos drásticos que o mesmo tende a gerar sobre o meio ambiente, como desmatamento, poluição de lagos, rios, praias, entre outros, o que pode contribuir para acarretar o incentivo ao uso racional desses recursos naturais e, conseqüentemente, torná-los mais competitivos.

Diante disto, o presente estudo visou atender a seguinte questão: quais os impactos negativos que vêm sendo percebidos pela gestão ambiental local e pela população sobre os atrativos turísticos naturais do município de Baía Formosa, Rio Grande do Norte (RN), Brasil? Desse modo, foi necessário identificar os atrativos naturais de uso turístico deste município, verificar o estado de conservação dos mesmos

e realizar uma avaliação estratégica das ações da localidade, através da construção de uma Matriz SWOT.

## **GESTÃO AMBIENTAL: CONTEXTUALIZAÇÃO, TÉCNICAS E RELEVÂNCIA**

Em meados dos anos 80, algumas catástrofes ambientais como a de Chernobyl, na Ucrânia, e o acidente com o Césio, em Goiânia, Brasil, em que o lixo radioativo causou contaminação à população, tiveram grandes repercussões e despertaram maior sensibilização quanto às questões ambientais (CORRÊA, 2009).

A ocorrência desses impactos no meio socioambiental começou a ecoar de forma negativa elevando o grau de conscientização por parte do homem, sendo que o berço do ideário ambiental foi designado aos países desenvolvidos devido às repercussões dos primeiros episódios, atos de catástrofes ambientais oriundos do processo da industrialização.

O norte europeu e o nordeste americano, devido às suas grandes aglomerações industriais, começaram a causar problemas além de suas fronteiras. O excesso de lançamento de dióxido de enxofre (SO<sub>2</sub>), proveniente da queima de carvão e óleo nas indústrias, não era “absorvido” pelo ambiente, retornando a “sociedade” por meio de chuvas ácidas, o que acidificava lagos e matava florestas. Como em alguns casos tais florestas eram parte importante do sistema econômico do país, tal como o caso da Suécia e sua indústria de papel celulose, houve um despertar mundial para o assunto (SILVA FILHO, 2000, p. 8, grifos do autor).

Assim, segundo Novaes (2007), a conscientização ambiental que se limitava a um pequeno grupo de cientistas ambientais e funcionários de organizações ambientais, passou a ter maior representatividade dentro da sociedade global, dando origem a um novo segmento de mercado, comportando consumidores mais éticos quanto ao consumo e atentos a produtos naturais.

Nos Estados Unidos, os consumidores verdes representam 37% da população, enquanto em países europeus, como Suíça, Alemanha e Inglaterra, já são 50%. Na Inglaterra, dois em cada cinco cidadãos vão ao supermercado com uma lista de produtos verdes à mão. O *marketing* ecológico passou a ser o código-chave, a palavra mágica e, mais do que isso, compromisso e obrigação das empresas que

se pretendem modernas e competitivas. A consciência ecológica por parte das empresas resultou, também, na mitificação do conceito de qualidade do produto, que agora precisa ser ecologicamente viável. Recente estudo americano concluiu que, no primeiro semestre de 1990, 9,2% dos produtos introduzidos no mercado eram anunciados verdes, enquanto em 1989 estes constituíam apenas 0,5% (ANDRADE; TACHIZAWA; CARVALHO, 2006, p. 7).

Ao longo das décadas, o processo de conscientização ambiental foi se intensificando. Seu início se deu a partir do final da década de 50, onde se efetivou no século XX, quando foram criadas algumas organizações, leis e intensos debates que visavam o uso regular do meio ambiente (Quadro 01).

- 1957** - Surge nos Estados Unidos as exigências de projetos com dispositivos de controle ambiental;
- 1962** - Rachel Carson lança o livro *Primavera silenciosa*;
- 1968** - Fundado o clube de Roma: países que se reúnem para formar um movimento mundial de conscientização ecológica;
- 1971** - A ISO (*Internacional Standard Organization*), constitui três comitês técnicos para a normalização: o GRANA do ar (TC-146), o da qualidade da água (TC-147) e o da qualidade do solo (TC-148);
- 1972** - O clube de Roma promove a primeira conferência mundial sobre o meio ambiente em Estocolmo. A carta de Estocolmo estabelece 23 princípios comuns a todos os países, capazes de inspirar e orientar a humanidade para a preservação e melhoria do meio ambiente, conforme o relatório dos limites de crescimento;
- 1975** - Primeiro marco internacional com o lançamento da carta de Belgrado, definindo metas e orientações para a educação ambiental;
- 1977** - Conferência intergovernamental sobre educação ambiental em Tbilisi, Geórgia;
- 1978** - Por iniciativa da Alemanha começam a surgir selos ecológicos e a certificação ambiental;
- 1983** - Criada a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento (CNMAD);
- 1987** - Como resultado da CNMAD surge o relatório "o nosso futuro comum" ou Brundtland;
- 1991** - Realizada a Segunda Conferência Mundial da Indústria em *Rotterdam* sobre gestão ambiental;
- 1992** - Conferência da ONU sobre meio ambiente e desenvolvimento UNCED (Rio 92); aprovação da Agenda 21;
- 1992** - Edição da norma britânica ES 7.750, que cria procedimentos para estabelecer um sistema de gestão ambiental, como base para o ISO 14000;
- 1996** - Editada a norma ISO 14000, que trata do sistema de gestão ambiental para as empresas;
- 1996** - A OMT lança a Agenda 21 para a indústria de viagem e turismo, visando o desenvolvimento sustentável;
- 1999** - Aprovado o Código Mundial de Ética do Turismo na Assembléia Geral da OMT;
- 2002** - Cúpula de Quebec lança carta de Quebec, com recomendações para operadores de ecoturismo;
- 2002** - Acontece o evento mundial RIO+10, chamando atenção quanto ao cumprimento das ações da conferência da ONU, quanto à qualidade de vida no planeta.

**Quadro 01.** Histórico das preocupações socioambientais e difusão da conscientização ambiental  
Fonte: NOVAES (2007)

Partindo dessa perspectiva, pode-se inferir que as questões socioambientais repercutiram e tornaram-se mais relevantes com o surgimento desses novos debates, leis e organizações.

Diante dessas novas transformações existentes no mundo, vê-se a necessidade de regulamentar o setor produtivo quanto ao uso dos recursos naturais e seus impactos sobre o meio ambiente. Coube ao estado o papel regulamentador de estabelecer regras na utilização dos recursos naturais e punir as organizações infratoras, ou seja, cabem ao mesmo os instrumentos do comando e controle (DONAIRE, 2013).

Nesse momento surge uma gestão com o objetivo de incentivar o uso racional dos recursos naturais e diminuir os impactos negativos que as atividades geram sobre os mesmos, a gestão ambiental, que pode ser definida por Beke, Cordeiro e Theodoro (2004, p. 9) como “o conjunto de ações que envolvem as políticas públicas, o setor produtivo e a sociedade, visando o uso racional e sustentável dos recursos ambientais. Ela engloba ações de caráter político, legal, administrativo, econômico, científico, tecnológico, de geração de informação e de articulação entre estes diferentes níveis de atuação”.

Segundo os mesmos autores, dentre suas principais funções pode-se destacar: o planejamento (ferramenta administrativa que faz prévias determinações das ações que serão realizadas na gestão, definido por Barreto (2010, p. 12), como “processo dinâmico, onde é lícita a permanente revisão, a correção de rumos, pois exige um repensar constante mesmo após a concretização dos objetivos”), organização (modo ou relação entre os envolvidos de forma a alcançar os objetivos estabelecidos), direção (processo de incentivar e influenciar os atores envolvidos) e controle (verifica se ações alcançadas estão de acordo com as metas e estratégias estabelecidas).

Além desses aspectos fundamentais na gestão ambiental, Lindberg e Hawkins (2005) e Frankie *et al.* (2005) consideram como instrumentos básicos: a criação de áreas de proteção ambiental, a elaboração de pesquisas que possibilitem o aprofundamento de técnicas de prevenção e conservação de áreas naturais (estudos de impactos ambientais, avaliação de impacto ambiental e relatório de impacto ambiental), fiscalizações de atividades potencialmente impactantes, criação de zoneamento



ecológico-econômico, programas de educação ambiental e programas de monitoramento ambiental.

Faz-se também necessário na gestão ambiental o uso de técnicas que incentivem o uso racional do meio ambiente por meio da reciclagem, ventilação natural, energia solar, reutilização da água da chuva, entre outras, definida por Lindberg e Hawkins (2005) como ecotécnicas.

O Estado, o mercado e a sociedade exigem cada vez mais uma postura proativa por parte das organizações, com práticas ecologicamente mais saudáveis dentro das suas políticas corporativas e dos seus meios produtivos. Assim, surgiram algumas certificações que incentivam essa prática, como a ISO 14000, certificação oferecida às organizações referente à conservação do meio ambiente.

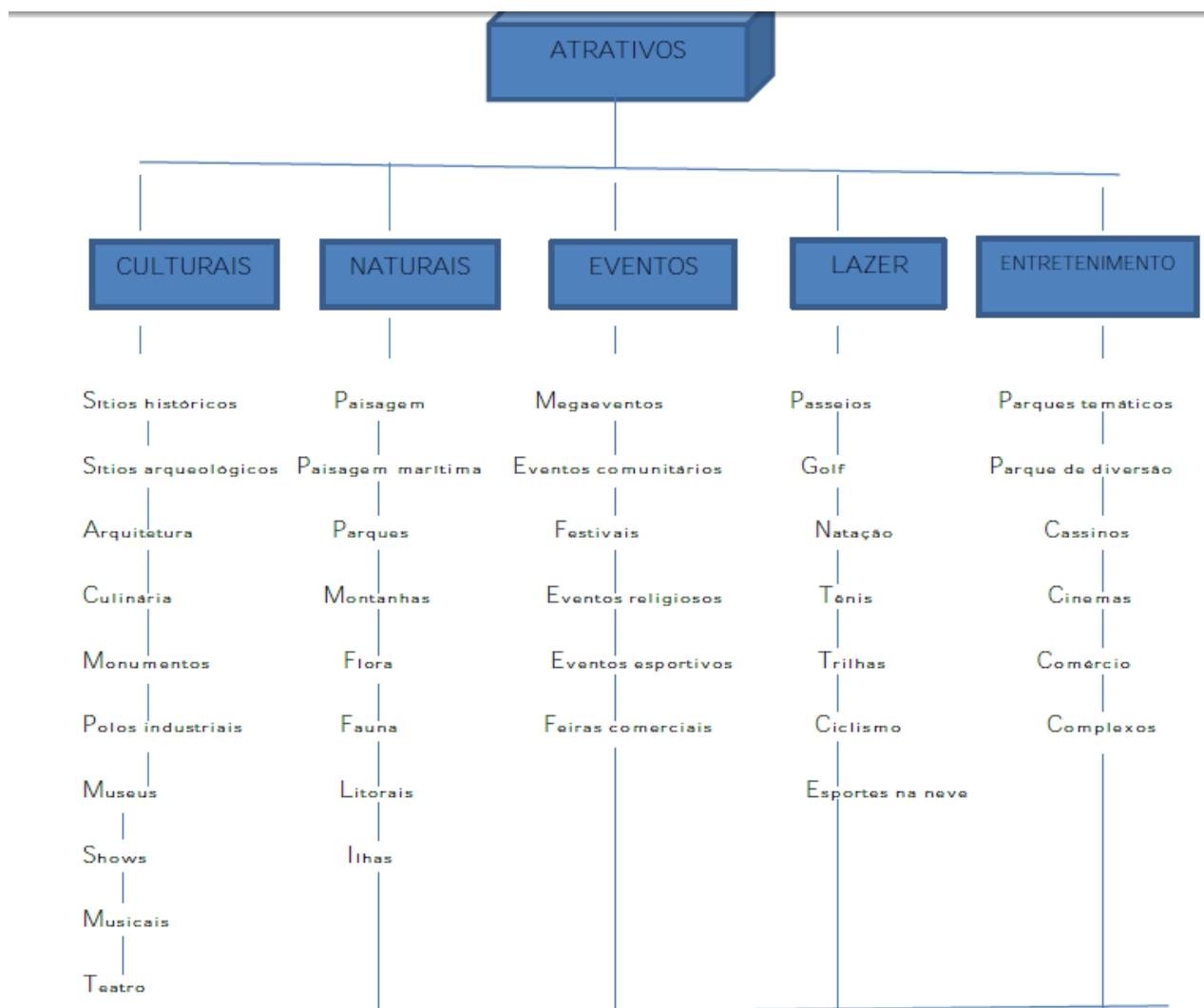
Sendo assim, percebe-se que a busca por uma gestão ambiental dentro das organizações tem se tornado relevante, já que uma empresa sustentável ou que preza pela conservação do meio ambiente passa a ser sinônimo de bons negócios.

## **ECOTURISMO: ATRATIVOS E SUSTENTABILIDADE**

Os atrativos turísticos são um dos elementos que compõem a oferta turística, juntamente com serviços turísticos, serviços públicos, infraestrutura básica, gestão da imagem, da marca e preço (IGNARRA, 2003). Ainda não há definição que possa caracterizá-los, no entanto, compreende-se que é algo capaz de atrair ou motivar a saída de um turista para um determinado lugar.

Ignarra (2003) mencionou que os atrativos turísticos estão arrolados com as motivações que levam ao deslocamento dos turistas e que podem ser divididos entre elementos naturais e culturais. Porém, o que pode ser atraente para uma pessoa pode não ser para outra, por exemplo, se um atrativo não tem o menor valor para um anfitrião, por sua vez, pode ser muito atraente para o visitante. Nesse sentido, o que vai fazer a diferença são os detalhes ou as particularidades, pois quanto mais único e diferente for um elemento, tendenciosamente, mais chamará atenção.

Nessa mesma linha de pensamento, Goeldner, McIntosh e Ritchie (2003, p. 152) definem os atrativos como “razões pelas quais as pessoas viajam”, considerando-os como o mais importante elemento do sistema turístico, pois sem eles não seria possível o deslocamento dos turistas para as localidades e não faria sentido a criação e o aprimoramento de outros serviços turísticos, como hospedagem, transportes, alimentação, entre outros. Desse modo, conforme pode ser observado na Figura 1, mesmo havendo concordância quanto à conceituação, é comum os autores divergirem quanto à sua classificação, mencionando que além dos naturais e os culturais, pode-se agregar eventos, lazer e entretenimento.



**Figura 1.** Visão geral dos atrativos turísticos  
 Fonte: GOLDNER; MCINTOSCH; RITCHIE (2002, p. 152).

Swarbrooke (1995) também aborda uma classificação distinta, inferindo que os atrativos turísticos podem ser divididos em: atrativos naturais; atrativos criados pelo homem, mas não planejados com a intenção de atrair visitantes; atrações criadas pelo homem com intenção de atrair visitantes e eventos especiais.

Para Beni (2006), a classificação dos atrativos turísticos pode ser feita da seguinte maneira: atrativos naturais, atrativos histórico-culturais, manifestações e uso populares, realizações técnicas e científicas contemporâneas e acontecimentos programados. O autor enfatiza ainda que os atrativos estão intrinsecamente ligados ao fator motivador de deslocamentos das pessoas/turistas. Dessa forma, para que estejam sempre em competitividade no mercado devem obedecer às exigências e expectativas dos consumidores.

Portanto, independente de classificações, os atrativos são essenciais no sistema turístico, pois sem eles (provavelmente) as motivações diminuiriam para que as pessoas se deslocassem e, com isto, os fundamentos para que fossem criados outros elementos contidos nesse sistema turístico, como o setor de hospedagem, restauração e serviços em geral. Cabe, então, aos gestores e planejadores utilizar esses elementos e enquadrá-los em uma estratégia de *marketing* com o intuito de satisfazer e atrair consumidores aos destinos, porém, de forma sustentável.

Destarte, vale salientar que a sustentabilidade começou a ser atrelada ao turismo quando a evolução do setor gerou certo nível de massificação o que, conseqüentemente, acarretou um leque de benefícios e malefícios que abarcou a esfera econômica, social, cultural e ambiental.

Para tanto, faz-se necessário pensar a atividade com bases sólidas, buscando no planejamento e na gestão gerar benefícios, essencialmente, as comunidades receptoras, no sentido da valorização sociocultural e ambiental, retornos econômicos e atendimento às exigências dos consumidores que estão cada vez mais atentos, especialmente, quanto às posturas ecologicamente corretas.

Pensando nisto é que a sustentabilidade deve ser agregada de forma coerente ao turismo, partindo do princípio de que deve-se levar em consideração cinco dimensões,



conforme aponta Bartholo (2005, p. 18), quais sejam: social (deve garantir qualidade de vida e igualdade social), econômica, histórico-cultural (deve valorizar a identidade local e estimular o apoio à cultura), ambiental (garantir a conservação e preservação do meio ambiente e promover a educação ambiental), espacial (requer uma organização do espaço baseada na diversidade dos recursos sociais e territorializados) e a político-institucional (requer a participação da comunidade nos processos decisórios).

Souza (2002 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 49), ressalta algumas razões para que as organizações tenham procurado inserir uma postura ecológica dentro das suas políticas organizacionais: o fato do regime regulatório internacional obedecer às exigências crescentes em relação à proteção ambiental; as mudanças ocorridas no mercado (tanto de fatores quanto de produtos – pressão de acionistas, investidores, bancos e a busca de melhor reputação); as crescentes descobertas de nível científico e a divulgação das consequências dos danos ambientais e a pressão dos consumidores. Logo, uma empresa sustentável ou que preza pela conservação do meio ambiente passa a ser sinônimo de bons negócios.

Por sua vez, a relação do homem com a natureza não é um fenômeno recente na história da humanidade, mas um processo que vem se intensificando. Impulsionado pelo seu espírito aventureiro o homem sempre procurou desafiar o meio natural. Desde os primórdios gregos à Idade Moderna os desafios à natureza se fizeram presentes. Na antiguidade clássica, filósofos gregos, como Aristóteles e Heródoto já se deslocavam com o intuito de conhecer novos povos e novas paisagens. Dentre os séculos XV e XVI foram realizadas grandes navegações com o objetivo de desvendar o mundo, essencialmente o continente americano. Entre os séculos XVII e XIX, naturalistas, aventureiros, exploradores e cientistas foram induzidos a percorrer a América em busca de coisas naturais para o enriquecimento de pesquisas científicas (KRUGER, 2008, p. 69).

Segundo Dias e Aguiar (2002), essa busca pelo natural teve como consequência a segmentação do turismo ligado à natureza: turismo ambiental, ecológico, rural, agroturismo e verde.

Foi somente em 1872 que se criou o primeiro espaço legalmente protegido, parque nacional de Yellowstone, nos Estados Unidos, “cuja iniciativa resultou da

emergência de ideias preservacionistas e da pressão exercida pelos amantes da natureza da época” (PIRES, 2002, p. 31), como as primeiras atividades no ambiente natural baseadas em princípios sustentáveis, fundamentando o turismo ecológico, atualmente apresentado como ecoturismo.

Segundo o autor citado, o ecoturismo se encontra dentro da visão de turismo sustentável e tem perspectiva de conservar o meio ambiente, para que as futuras gerações possam também usufruir. O termo turismo ecológico foi usado de forma correta na década de 1980, mas a partir de 1990 passou a ser substituído por ecoturismo, termo elaborado pelo mexicano Hector Ceballos-Lascuráin (arquiteto e consultor internacional).

Lascuráin, em 1998, caracterizou pela primeira vez o ecoturismo como:

Uma modalidade turística ambiental responsável, que consiste em viajar ou visitar áreas naturais relativamente sem destruir com o fim de desfrutar, apreciar e estudar os atrativos naturais (paisagem, flora e fauna silvestres) de ditas áreas, bem como qualquer manifestação cultural (do presente e do passado) que possa ser encontrada aí, através de um processo que promove a conservação. Possui baixo impacto ambiental e cultural e propicia um involucramento ativo e socioeconômico benéfico das populações às populações.

O grupo interministerial composto pelo Ministério da Indústria, Comércio e Turismo (MICT), Instituto Brasileiro de Turismo (EMBRATUR), Instituto Brasileiro do Meio Ambiente (IBAMA), Ministério do Meio Ambiente (MMA), consultores e empresários definiu o ecoturismo como:

Um segmento da atividade turística que utiliza de forma sustentável, o patrimônio natural e cultural, incentiva sua conservação e busca a formação de uma consciência ambientalista através da interpretação do meio ambiente, promovendo o bem-estar das populações envolvidas (MAIA, 2005, p. 57).

Neil e Wearing (2001) abordam o ecoturismo como um segmento do turismo que inclui visitas ou viagens a áreas naturais, ou áreas com pouca intervenção humana, nas quais os ecoturistas envolvidos são motivados por questões de conscientização ambiental, social, cultural, entre outros.

Embora o ecoturismo esteja estreitamente ligado ao turismo de natureza, autores como Goodwin (1996) e Maia (2005) afirmam que são atividades diferentes, já que os princípios da sustentabilidade podem não ser apresentados com a mesma intensidade.

O ecoturismo, muitas vezes, é confundido com as outras atividades turísticas ligadas à natureza, como por exemplo, o turismo de aventura, turismo rural, turismo esportivo, entre outros. Apesar destas atividades turísticas estarem relacionadas com o ecoturismo, não significa que sejam a mesma coisa ou que estejam baseados em princípios sustentáveis. Assim, se tais atividades seguirem os princípios de sustentabilidade ao serem planejadas e executadas poderão ser consideradas parte de um composto ecoturístico, este mais amplo e abrangente (MAIA, 2005, p. 60).

Contudo, levando-se em consideração o turismo que é praticado no meio natural, pode-se afirmar que os princípios da sustentabilidade são apresentados de formas distintas no turismo de natureza, que admite atividades de alto impacto ambiental (*motocross*, náutica motorizada, *off-road* e caça) e o ecoturismo admitindo somente atividades de baixo impacto ambiental (caminhadas, acampamentos e observação a natureza). Desse modo, o perfil do ecoturista apresenta algumas diferenças em relação ao turista de natureza (Quadro 02).

PERFIL	ECOTURISTA	TURISTA NA NATUREZA
<b>Escolaridade</b>	Possui nível superior, muitas vezes com pós-graduação	Nível de escolaridade varia entre o primeiro grau a segundo grau
<b>Renda mensal</b>	Faixa de renda acima R\$ 2.000,00	Independente de renda
<b>Expectativa</b>	Em busca de paz, diversão, banho de cachoeira, harmonia com a natureza, artesanato local, gastronomia típica, conhecimento ambiental, história e cultura da região	Diversão, levar “souvenires” como pedras e plantas bonitas, liberdade para bagunçar e brincar, tomar banho de cachoeira, ouvir som alto, etc.
<b>Exigência</b>	Exige conforto quando retorna para a hospedagem, segurança, higiene impecável na cozinha e nos sanitários, guias experientes na região, saber da programação com antecedência, estruturas ecologicamente corretas, saber se sua visita foi benéfica para a natureza e paga o preço justo por todos os serviços (chegando a pagar R\$ 300,00 por dia)	O preço baixo é determinante para que se sinta com vantagem
<b>Deixa para traz</b>	Tudo como encontrou	Lixo, bagunça, más influências, etc.

**Quadro 02** - Perfil de ecoturista e turista de natureza

Fonte: CAETANO (2006, p. 42)

Conforme o observado, os ecoturistas são pessoas com posturas críticas, são mais sensibilizadas quanto às questões ambientais, que cobram por posturas ecologicamente corretas; já os turistas de natureza, em sua maioria, são atraídos por preços, vão em busca de divertimento, não têm preocupações com os danos que podem ser agregados ao meio natural, sendo assim, tendem a causar mais transtornos à natureza.

Logo, as atividades turísticas ligadas à natureza precisam ser planejadas dentro de princípios sustentáveis (assim como acontece com o ecoturismo), pois está claro que a atratividade desses espaços capta turistas que podem gerar grandes impactos negativos ao meio.

## **METODOLOGIA**

Considerando-se que o crescimento do turismo nos municípios deve ocorrer de forma planejada e sustentável, teve-se como objeto de análise desse trabalho, o município de Baía Formosa, destino turístico localizado no litoral Sul do estado do Rio Grande do Norte, a 94 km de Natal. Trata-se de um lugar provido de atrativos naturais, e conseqüentemente, apresenta grande potencial para o crescimento do turismo ligado à natureza, já que pode-se encontrar dentro de seus limites territoriais uma extensa faixa de praias, dunas, falésias, manguezais e Mata Atlântica.

Para tanto, utilizou-se uma metodologia quali-quantitativa do tipo descritivo-exploratória. Além disso, o estudo foi fundamentado nos seguintes autores: Barreto (2010); Beni (2006); Caetano (2006); Donaire (2013); Silva Filho (2000); Kruger (2008); Maia (2005); Novaes (2007); Oliveira (2008) e Pires (2002) todos com formação em diferentes áreas, contudo, assemelhando-se ao fato de considerarem que uma gestão eficaz voltada para o meio ambiente é a forma mais viável de gerar benefícios às localidades e tornar seus recursos naturais mais competitivos.

Para coletar os dados dessa pesquisa, houve a aplicação de um questionário, o qual foi respondido por um total de 50 (cinquenta) pessoas. Essa amostra não probabilística obteve grande representação dos residentes (45 residentes). Ao todo,

participaram: bugueiros; pessoas que utilizam os atrativos naturais em função do lazer e de saúde física e; turistas.

Este questionário abordou questões referentes ao estado de conservação dos referidos atrativos, de modo que buscou identificar os seguintes aspectos: impactos ambientais, sinalização turística e ambiental, lixeiras, proteção costeira, controle de visitantes e fiscalização.

Construiu-se, ainda, uma matriz SWOT, metodologia estratégica apropriada para realizar análise ambiental, em que através desta pôde-se colher dados do ambiente interno (*Strengths/Forças* e *Weaknesses/Fraquezas*) e do ambiente externo (*Opportunnities/Oportunidades* e *Threats/Ameaças*). A matriz foi elaborada após uma análise das ações de gestão ambiental voltada para os atrativos naturais de uso turístico e do estado de conservação dos mesmos, tendo sido estruturada mediante as observações *in loco* e informações obtidas após a aplicação do questionário com os residentes de Baía Formosa, RN, Brasil, com o objetivo de aperfeiçoar e enriquecer os resultados deste estudo.

Realizaram-se, ainda, pesquisas em fontes primárias entre setembro e outubro de 2013, além de observação não participante, pesquisas de gabinete e *in loco* que buscaram complementar os dados adquiridos com o questionário outrora aplicado.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO: IDENTIFICAÇÃO E APRESENTAÇÃO DOS ATRATIVOS NATURAIS DE USO TURÍSTICO LOCAL**

O município de Baía Formosa abrange uma área de 245,661 km<sup>2</sup> e uma população de 8.573 habitantes (IBGE, 2010). Analisando-se as peculiaridades capazes de atrair pessoas ou visitantes, o que na concepção de Swarbrooke (1995), Ignarra (2003), Goldner, Mcintosh e Ritchie (2003) e Beni (2006) caracteriza um atrativo turístico, verificou-se que dentro de sua faixa territorial encontra-se uma diversidade de recursos naturais, tais como praias, dunas, falésias, manguezais e Mata Atlântica, o que favorece a prática do turismo ligado à natureza na localidade.



Dentre estes atrativos naturais pode-se destacar os de uso turístico que foram identificados *in loco* e complementados com informações obtidas em fontes diversas, a partir de pesquisa de gabinete e da visão dos respondentes ao questionário deste estudo.

Nº	ATRATIVOS NATURAIS	CATEGORIA
01	Praia do Porto	Praia
02	Praia da Cacimba/Pontal	Praia
03	Praia de Bacupari	Praia
04	Praia das Perobas	Praia
05	Praia das Barreirinhas	Praia
06	Praia do Sagi	Praia
07	Morro do Careca	Dunas
08	Rio do Sagi	Rio
09	Rio Guaju	Rio
10	Mata Estrela	Mata
11	Lagoa Araraquara	Lagoa
12	Manguezal	Manguezal

**Quadro 03** – Atrativos naturais de uso turístico do município

FONTE: Dados da pesquisa, 2013.

Logo, se pode afirmar que o município abrange um total de 12 (doze) atrativos naturais de uso turístico, sendo um destino provido de recursos naturais e que apresenta grande potencial para desenvolver o segmento do turismo ligado à natureza, essencialmente, o ecoturismo.

Observou-se, também, que além de seus aspectos naturais favorecerem o crescimento do turismo na localidade, contribuem para uma melhor qualidade de vida da comunidade e com o sustento de outras atividades, uma vez que a economia local é caracterizada também pela agroindústria e a pesca, o que traz relevância à conservação dos mesmos.

## **ESTADO DE CONSERVAÇÃO DOS ATRATIVOS NATURAIS DE USO TURÍSTICO: APONTAMENTOS E DISCUSSÃO**

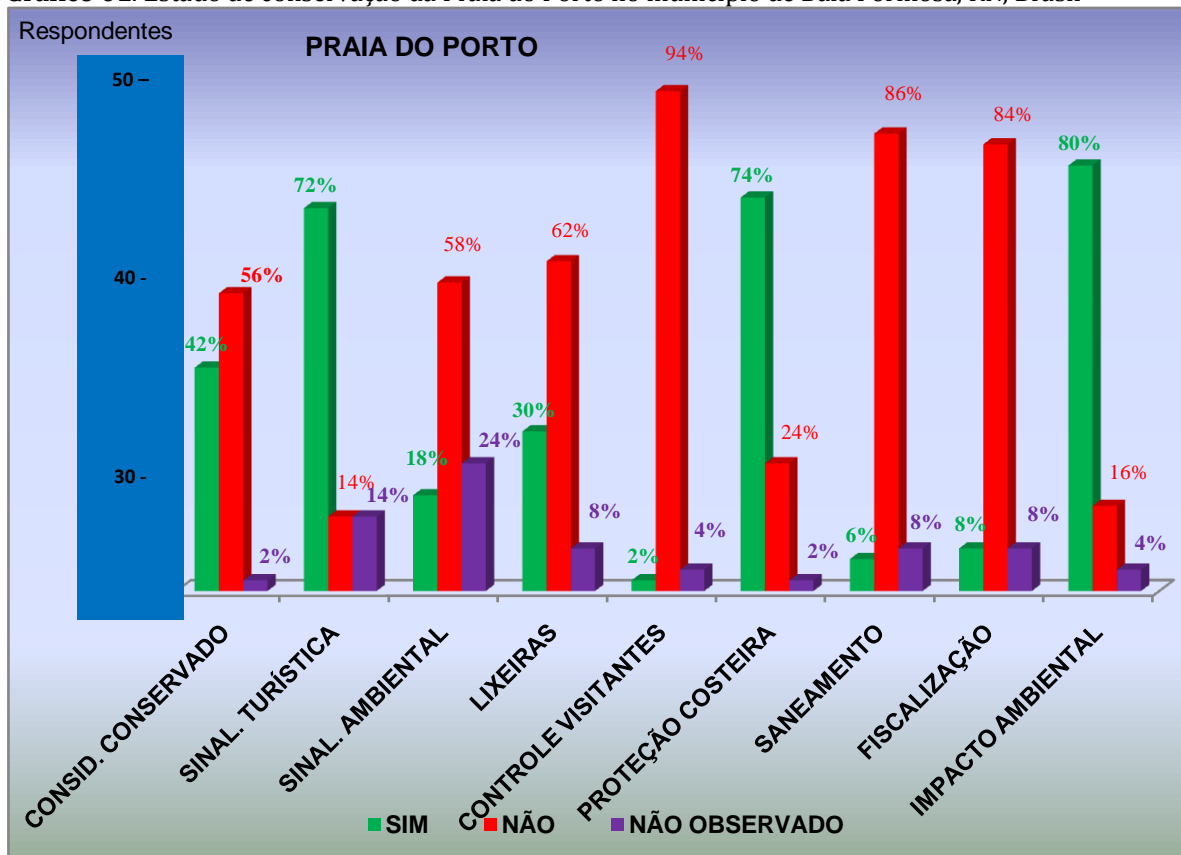
O turismo que se apropria da natureza de forma racional e sustentável, sendo considerado por diversos autores, tais como: Barbosa (2008), Maia (2005) e Seabra (2001), define-se como ecoturismo. Levando-se em consideração a afirmação de Pires (2002), que o ecoturismo tem perspectiva de conservar o meio ambiente para que as futuras gerações possam também usufruir, pôde-se verificar o estado de conservação dos atrativos naturais de uso turístico do município estudado.

Conforme observado no item anterior, nos limites territoriais de Baía Formosa pode-se encontrar um total de doze atrativos naturais de uso turístico (seis praias, uma duna, dois rios, um manguezal, uma mata e uma lagoa). Logo, após a análise dos questionários que buscou, também, verificar o estado de conservação dos mesmos, levando-se em consideração vários aspectos (sinalização turística e ambiental, lixeiras, controle de visitantes, fiscalização e impacto ambiental agravante), constatou-se, mediante a concepção dos respondentes, que os atrativos abarcavam alguns pontos positivos e negativos.

Analisando os aspectos positivos, observou-se que a maioria apresentava bom estado de conservação, possuía boa sinalização turística e não abarcavam impactos ambientais agravantes. Já como aspectos negativos, verificou-se de maneira geral que faltava saneamento nas áreas dos mesmos, lixeiras e sinalização ambiental.

Como pode ser verificado no Gráfico 01, 74% dos respondentes afirmaram que a Praia do Porto possuía proteção contra erosão costeira. No entanto, percebeu-se como pontos negativos que 94% alegaram que a área do atrativo não dispunha de controle de visitantes, bem como 80% apontaram a existência de impacto ambiental agravante nessa área.

**Gráfico 01.** Estado de conservação da Praia do Porto no município de Baía Formosa, RN, Brasil

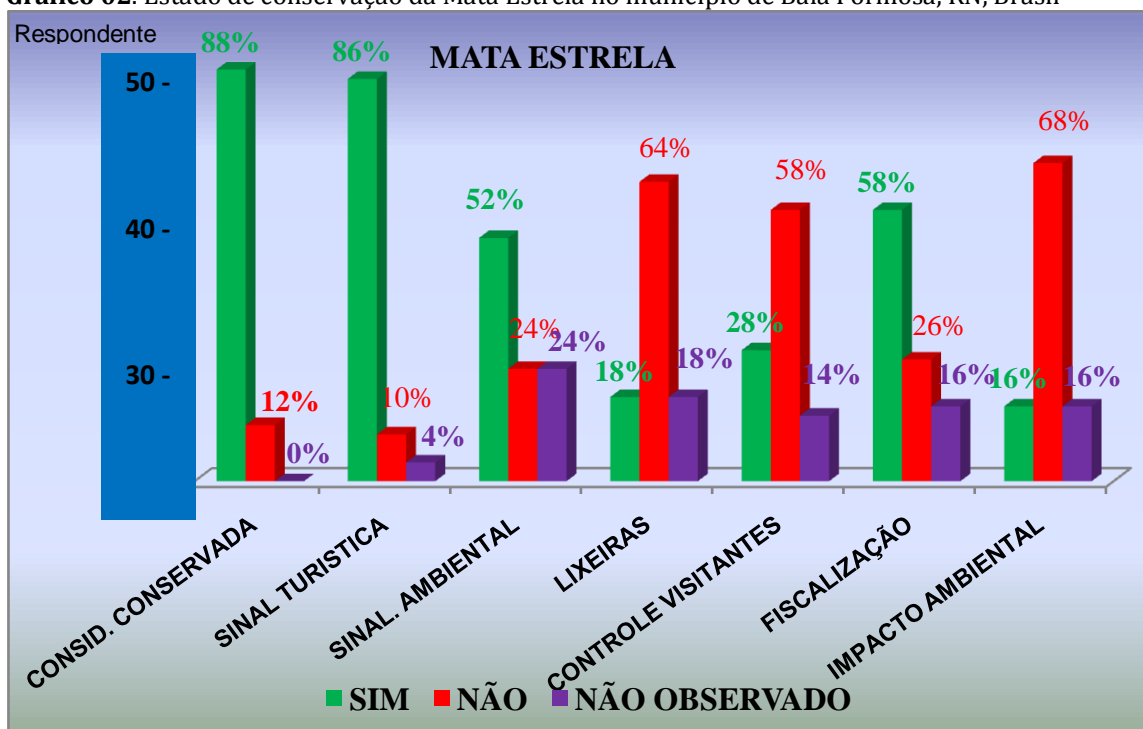


Fonte: Dados de pesquisa, 2013.

O impacto ambiental agravante mencionado pode ser descrito na fala dos respondentes como “esgoto”.

Como pode ser visto no Gráfico 02, 88% dos respondentes consideraram a Mata Estrela conservada. Contudo, como maior aspecto negativo verificou-se que 64% afirmaram que a área do atrativo não era provida de lixeiras.

**Gráfico 02.** Estado de conservação da Mata Estrela no município de Baía Formosa, RN, Brasil

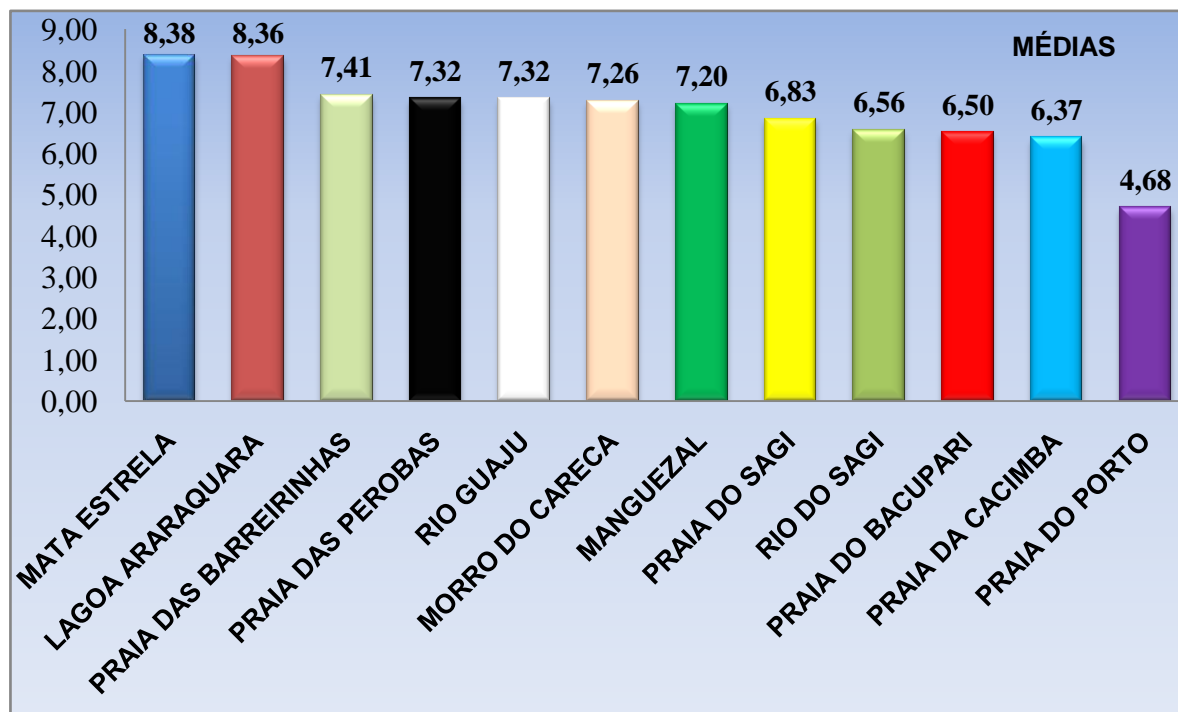


Fonte: Dados da pesquisa, 2013.

Vê-se então, que a Mata Estrela apresentou melhor estado de conservação, principalmente, pelo fato de ser fiscalizada e de não compreender impactos ambientais agravantes.

Observa-se no Gráfico 03, médias que determinam o estado de conservação de todos os atrativos turísticos naturais do município. Estes dados foram obtidos através da nona questão do questionário, a qual compreendeu uma escala, permitindo os respondentes avaliarem esses atrativos como ruim, bom e ótimo, atribuindo-os uma nota de 0 a 10, sendo de 1 a 4 (Ruim), 5 a 7 (Bom) e 8 a 10 (ótimo). Dessa maneira, verificou-se que a Mata Estrela se destaca com maior média (8,38) e a Praia do Porto com a menor (4,68).

**Gráfico 03.** Médias gerais do estado de conservação dos atrativos no município de Baía Formosa, RN, Brasil.



Fonte: Dados da Pesquisa, 2013.

Mediante o Gráfico 03, pode-se verificar que a maioria dos atrativos naturais de uso turístico da localidade, sendo: Praia das Barreirinhas, Praia das Perobas, Praia do Sagi, Praia do Bacupari, Rio Guaju, Rio do Sagi, Morro do Careca e Manguezal, de acordo com os aspectos avaliados através do questionário, se encontravam em bom estado de conservação, logo suas médias variaram entre 7,31 e 6,37.

No entanto, a menor média (4,68) restringiu-se ao importante atrativo local (Praia do Porto), uma vez que nela está concentrada a única baía do Rio Grande do Norte, da qual se originou o nome “Baía Formosa” (IBGE), e pelo fato da mesma favorecer atividade pesqueira do município. A média obtida, conforme o comentado anteriormente, se deu principalmente em função da existência de um impacto ambiental agravante na área desse atrativo (esgoto).

Já a maior média (8,38) se equiparou com o grau de relevância que o atrativo Mata Estrela representa para o município, Reserva Particular do Patrimônio Natural-RPPN desde 2000, sendo ainda a maior reserva de Mata Atlântica do estado e a maior



sobre dunas do país (DINIZ, TINOCO, SANTOS, 2004). Além disso, é um atrativo que favorece a prática do ecoturismo, já que em seu interior os visitantes podem realizar caminhadas e apreciar a grande diversidade em flora e fauna. O resultado positivo em relação a esse atrativo é reflexo de uma fiscalização mais efetiva, cuidados periódicos, tais como: alocação de lixeiras, limpeza e sinalização turística, e conseqüentemente, da inexistência de impactos ambientais agravantes.

### **ANÁLISE SWOT E SUAS CONTRIBUIÇÕES À GESTÃO AMBIENTAL NO MUNICÍPIO**

A matriz SWOT foi estruturada mediante as observações *in loco* da autora e as informações obtidas após a aplicação do questionário com os residentes de Baía Formosa, tendo o objetivo de aperfeiçoar e enriquecer o resultado desse estudo.

Partindo de uma análise estratégica das ações da gestão ambiental voltadas para os atrativos turísticos naturais do município e o estado de conservação dos mesmos, como pode ser observado no Quadro 04.

Analisando-se a concepção de Bartholo (2005) que os princípios básicos da sustentabilidade ambiental são a conservação e preservação do meio ambiente, e o incentivo a educação ambiental, verificou-se mediante a análise interna que existe uma grande debilidade no município no que se refere à frequência em trabalhos de educação ambiental, visto que o mesmo é realizado pelo Departamento de Meio Ambiente apenas na semana do meio ambiente, considerando-se ainda que no ano da pesquisa o mesmo não foi concretizado. Além disso, não existem programas de monitoramento ambiental e não há incentivo ao uso de técnicas naturais, tais como: energia solar, ventilação natural, reutilização da água da chuva e outras. Aspectos estes que Linderg e Hawkins (2005) e Frankie (2005) designaram como linhas de ações básicas e fundamentais para uma gestão ambiental.

No entanto, como fortaleza vê-se a abrangência da educação ambiental, envolvendo toda a comunidade, principalmente, as escolas locais, sensibilizando o quórum com significativos trabalhos (oficinas, palestras e teatrinhos). E que apesar da falta do monitoramento ambiental, observou-se a inexistência de impactos ambientais

agravantes na maioria dos atrativos naturais, bem como verificou-se uma certa preocupação da gestão ambiental nos quesitos acessibilidade e legibilidade para com os visitantes, uma vez que praticamente todos os atrativos possuem sinalização turística.

Na análise externa vê-se que o destino pelo fato de ser provido de recursos naturais (praias, dunas, falésias, manguezais e mata) apresenta grande potencial para o crescimento do ecoturismo. Desse modo, são necessárias mais ações que abarquem o planejamento da atividade e que possibilitem maiores retornos à comunidade receptora. Porém, como ameaça verifica-se que algumas ações da gestão ambiental do município podem ser comprometidas devido à dependência de liberações de outros órgãos ambientais, já que frequentemente demoram em dar um retorno.

<p><b>Fortalezas</b>            Educação Ambiental;            Estado de conservação dos atrativos naturais;            Sinalização Turística;            Inexistência de impactos ambientais agravantes na maioria dos atrativos.</p>	<p><b>Debilidades</b>            Frequência dos trabalhos de Educação ambiental;            Lixeiras nas áreas dos atrativos;            Controle de visitantes;            Saneamento;            Fiscalização;            Incentivo ao uso de técnicas naturais;            Programas de monitoramento ambiental.</p>
<p><b>Oportunidades</b>            Expansão do Ecoturismo;            Inserção do Turismólogo;            Cenário de gravações.</p>	<p><b>Ameaças</b>            Dependência de órgãos competentes;            Destinos vizinhos.</p>

**Quadro 04.** Matriz SWOT das ações da gestão ambiental voltadas para os atrativos turísticos naturais do município de Baía Formosa, RN, Brasil.

A gestão ambiental voltada para os atrativos turísticos naturais tornou-se essencial, já que a mesma pode minimizar os impactos negativos que a atividade turística suscita sobre o meio ambiente e propiciar maiores retornos econômicos as localidades. Sendo assim, muitos gestores têm focado na mesma e procurado contemplar em seu planejamento condições ambientais, adotando práticas ecologicamente corretas.

Em um destino turístico, os gestores da atividade estão mais atentos à esfera ambiental e estão procurando efetivar tais medidas para tornar seus recursos naturais mais conservados e mais atrativos e, conseqüentemente, obter maiores retornos. No

entanto, para que as ações da gestão ambiental de qualquer destino alcancem bons resultados necessita-se do envolvimento do governo local, sociedade e iniciativas privadas.

No caso do município estudado, concluiu-se que é preciso desencadear uma série de medidas a serem trabalhadas junto à comunidade, a fim de garantir o uso sustentável dos recursos, para que os mesmos sejam preservados e conservados. Por fim, é importante trabalhar fortemente a gestão ambiental nessa localidade no que se refere a: frequência em trabalhos de educação ambiental, falta de lixeiras, falta de placas de sinalização ambiental, saneamento nas áreas dos atrativos, controle de visitantes e fiscalizações.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O município de Baía Formosa/RN é um destino que dispõe de grandes peculiaridades naturais, o que de fato contribui para o crescimento do turismo na localidade, principalmente, do turismo ambiental. Apesar disso, observa-se que o ecoturismo (uma das modalidades do turismo ambiental) ganha importância secundária quando comparado com outros segmentos, tal como é caso do sol e mar. Logo, pelo fato do roteiro sol e mar também ser uma fortaleza dos destinos turísticos do nordeste brasileiro, investir demasiadamente em tal segmento provavelmente não aumentará sua competitividade, podendo até mesmo levar o destino turístico a fase do declínio.

Nesse caso, a alternativa mais viável seria consolidar o ecoturismo no destino, pois além de ser uma forma de incentivar a valorização dos aspectos naturais locais, poderia atrair novos consumidores ora mais exigentes e conscientes quanto às questões ambientais (público ecoturista), podendo ser um ganho para o município no quesito impacto ambiental.

Analisando-se a sustentabilidade ambiental no município, observa-se que na comunidade há uma falta de incentivo por parte da gestão ambiental no uso de práticas ecologicamente mais corretas, tais como: reciclagem de lixo, reutilização da água da chuva, ventilação natural, energia solar e outras. Além disso, para que o turismo seja

mais sustentável faz-se necessário envolver mais a população local com a atividade, de modo que seus aspectos morais e culturais sejam preservados.

Outra forma de enaltecer os impactos ambientais positivos gerados pelo turismo em Baía Formosa é evitar o turismo de massa, essencialmente, nas áreas naturais, pois os danos gerados ao meio ambiente natural são em grande escala irreversíveis, desse modo faz-se relevantes estudos de capacidade de carga e fiscalizações mais efetivas.

Verifica-se ainda a importância do poder público local para efetivar e articular a gestão ambiental da localidade, uma vez que além do governo ser um dos principais agentes capazes de ampliar diversas forças na sociedade, através dele pode-se criar programas, regulamentos, leis ou diretrizes que estimulem a preservação e conservação do ambiente natural, tais como: códigos ambientais, zoneamentos ecológicos, programas de monitoramento ambiental, programas de educação ambiental e outros.

**ENVIRONMENTAL MANAGEMENT IN TOURISM: AN ANALYSIS OF ENVIRONMENTAL IMPACTS ON NATURAL TOURIST ATTRACTIONS OF BAÍA FORMOSA, RN, BRAZIL**

**ABSTRACT**

Environmental management focused on the natural tourist attractions is becoming a promising strategy for the tourist market, because in addition to cherish the conservation of natural resources, provides competitiveness and induces economic returns in tourist destinations. In this perspective, the objective of this study was to analyze the environmental impacts on natural tourist attractions in Baía Formosa city, RN, Brazil. In relation to the methodology, the research shows a qualitative and quantitative approach, of character descriptive and exploratory, having examined existing environmental impacts, by applying questionnaire with the residents and tourists, as well as through research of gabinete and in loco that served to complement the local data. In analyzing the results, it was found that there are twelve natural attractions of tourist use in the locality, being the Mata Estrela the most attractive monitored and, therefore, that showed the best condition Mata Estrela. In turn, presented the incidence of aggravating environmental impacts and the least conserved was the beach of Porto Beach. Also observed, in a SWOT analysis, the district has great potential as an opportunity for growth of ecotourism, however, as greatest weakness was seen infrequently in the environmental education activities. Concluded that it's important to work strongly work the environmental management of the locality in relation to: environmental signage, sanitation in areas of attractions, visitor control, inspections, among others.

**KEYWORDS:** ENVIRONMENTAL MANAGEMENT. NATURAL TOURIST ATTRACTIONS. BAÍA FORMOSA/RN.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, R. O. B.; TACHIZAWA, T.; CARVALHO, A. B. **Gestão ambiental: enfoque estratégico aplicado ao desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Makron Books, 2006.

AVENTUREIROS POR NATUREZA. **Mata Estrela**. Disponível em: <http://apnrm.wordpress.com/2012/03/09/mata-estrela-baia-formosa/>. Acesso em: 15 de Set. 2013.

BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. Campina: Papirus, 2010.

BARTHOLO, Roberto; DECLAMARO, Maurício; BADIN, Luciana. **Turismo e sustentabilidade no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. 4 ed. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

BEKE, Zezé; CORDEIRO, Pamora M. Figueiredo; THEODORO, Suzi Huff. **Gestão ambiental: uma prática para mediar conflitos socioambientais**. In: Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Ambiente e Sociedade. São Paulo, ANPPAS, 2004.

BIOLOGIA COM DJALMINHA. **Mata Estrela**. Disponível em: <http://aprendabiologiacomdjalmilha.blogspot.com.br/2008/04/baa-formosa-rn-aula-de-campo-2008.html>. Acesso em: 16 de Set. 2013.

BRASIL. **Programa de regionalização do turismo: roteiros do Brasil**. Brasília: Ministério do Turismo, 2014.

BRASILRN, Turismo. **Praia de Baía Formosa**. Disponível em: [http://www.brasilrn.com/\\_pt/VisiteAttractionPhotoDetail.php?idmenu=3&idtpattraction=7&idregion=4&idphoto=50&recidtpattraction=&recidregionlocal=r4&txmotcle=](http://www.brasilrn.com/_pt/VisiteAttractionPhotoDetail.php?idmenu=3&idtpattraction=7&idregion=4&idphoto=50&recidtpattraction=&recidregionlocal=r4&txmotcle=). Acesso em: 15 de Set. 2013

CAETANO, Vanuza Parreira de Vasconcelos. **Análise da sustentabilidade ambiental dos atrativos naturais em propriedades particulares da cidade de Goiás**. 2006. 89f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Produção Sustentável)- Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2006.

CEBALLOS-LASCURÁIN, H. **Ecoturismo, naturaleza y desarrollo sostenible**. Mexico: Diana, 1998.



CINEMA10. **Praia de Baía Formosa.** Disponível em: <https://www.google.com.br/search?q=imagens+de+ba%C3%ADa+formosa&tbm=isch&source=iu&imgil=5NCNxOjlvTY9xM%253A%253Bhttps%253A%252F%252Fen>. Acesso em: 15 de Set. 2013.

CORRÊA, Rosany. **Níveis taxonômicos de gestão ambiental:** um estudo de caso dos equipamentos hoteleiros estabelecidos na APA Delta do Parnaíba. 2009. 108f. Dissertação (Mestrado em Administração de Empresas)- Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2009.

DIAS, Reinaldo; AGUIAR, Marina Rodrigues de. **Fundamentos do turismo:** conceitos, normas e definições. Campinas: Alínea, 2002.

DONAIRE, D. **Gestão ambiental na empresa.** São Paulo: Atlas, 2013.

FC NOTÍCIAS. **Praia de Baía Formosa.** Disponível em: <http://www.fcnoticias.com.br/qual-a-praia-que-esta-sendo-gravada-a-novela-flor-do-caribe/>. Acesso em 15 de Set. 2013

FRANKIE, C. R. *et al.* **Mata Atlântica e biodiversidade.** Salvador: Edufba, 2005.

GOELDNER, Charles R; MCINTOSH, Robert W; RITCHIE. **Turismo:** princípios, práticas e filosofias. 8 ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

GOODWIN, H. In pursuit of ecotourism. **Biodiversity and Conservation**, v. 5, n. 3, p. 277-292, 1996.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo.** São Paulo: Pioneira, 2003.

KRUGER, Ana. **Ecoturismo e sustentabilidade no vale do Taquari:** possibilidades a partir do estudo de caso no morro gaúcho em Arroio do meio. 2008. 170f. Dissertação (Mestrado em Ambiente e Desenvolvimento)- Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2008.

LINDBERG, Kreg; HAWKINS, Donald E. **Ecoturismo:** um guia para planejamento e gestão. 5. ed. São Paulo: SENAC, 2005.

MAIA, Andrei Geovani. **Sustentabilidade e ecoturismo:** um estudo de multi-casos em agências turísticas do município de Joinville/SC. 2005. 180f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade do Vale do Itajaí, Biguaçu, 2005.

Ministério do Turismo. **Panorama do Turismo Internacional – 2012.** Brasília, 2013.  
MINUBE. **Lagoa Araraquara.** Disponível em: Acesso em: 16 de Set. 2013.

NEIL, Jonh; WEARING, Stephen. **Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades**. Barueri: Manole, 2001.

NOVAES, Marlene Huebes. **Turismo no espaço rural de Santa Catarina: uma análise dos meios de hospedagem, no enfoque da gestão ambiental, de 2004 a 2006**. 2007. 164f. Tese (Doutorado em Turismo e Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2007.

OLIVEIRA, Fátima Bayma de. **Política de gestão pública integrada**. Rio de Janeiro: FGV, 2008.

OMT - Organização Mundial do Turismo. **Introdução ao Turismo**. São Paulo: Roca, 2001.

OMT. **World Tourism Barometer**. Madri, v. 7, n. 2, junho 2009.

PIRES, Paulo S. **Dimensões do ecoturismo**. São Paulo: Senac, 2002.

SAMBUGÍ. **Praia do Sagi**. Disponível em: <http://sabambugi.com.br/page.aspx?page=10>. Acesso em: 16 de Set. 2013.

SILVA FILHO, José Carlos Lázaro da. **Gestão ambiental municipal: o caso da prefeitura municipal de Porto Alegre**. 2000. 138f. Dissertação (Mestrado em Administração)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

SWARBROOKE, J. **The development a management of visitor attractions**. Oxford: Butterworth-Heinemann, 1995.

TAMBATUR. **Rio Guaju**. Disponível em: [http://www.tambatur.com.br/pipa\\_rn.htm](http://www.tambatur.com.br/pipa_rn.htm). Acesso em: 16 de Set. 2013.

TEMPO DE AVENTURA. **Praia de Baía Formosa**. Disponível em: <http://www.tempondeaventura.com.br/pt-BR/passeio/baia-formosa-barra-de-cunhau>. Acesso em: 16 de Set. 2013.

VENTO DO NORDESTE. **Praia de Baía Formosa**. Disponível em: <http://papjerimum.blogspot.com.br/2012/04/as-paradisiacas-praias-de-baia-formosa.html>. Acesso em: 16 de Set. 2013.

**Cronologia do Processo Editorial**

Recebido em: 30. set. 2014

Aprovação Final: 01. dez. 2014

**Referência (NBR 6023/2002)**

MIRELY, Amanda Cipriano; VIRGINIO, Darlyne Fontes. Gestão ambiental no turismo: uma análise dos impactos ambientais nos atrativos turísticos naturais de Baía Formosa, RN, Brasil. **Turismo: Estudos & Práticas (RTEP/UERN)**, Mossoró/RN, vol. 3, n. 2, p. 34-59, jul./dez. 2014.